



Manifestos oswaldianos: edições anotadas

Roberto Acízelo Quelha de Souza

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)/CNPq

ORCID: <http://0000-0003-0607-5911>

acizelo@bighost.com.br

As famosas proclamações modernistas assinadas por Oswald de Andrade (1890-1954) – “Manifesto da Poesia Pau-Brasil” (1924) e “Manifesto antropófago” (1928) –, cujas primeiras edições foram respectivamente publicadas no jornal *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro, 18 de março de 1924, seção Letras & Artes, p. 5) e na *Revista de Antropofagia* (São Paulo, ano 1, n.º 1, maio de 1928, p. 3 e 7), até o momento não dispõem, que seja de nosso conhecimento, de uma edição crítica que se possa considerar definitiva. Ao contrário, nas edições subsequentes às primeiras – pelo menos naquelas que pudemos consultar, referidas na nota 2 adiante – existem erros evidentes, bem como alterações arbitrárias em relação aos textos de 1924 e de 1928.

Assim, no ano em que se comemora o centenário do Modernismo brasileiro – que, como se sabe, teve em Oswald de Andrade um de seus principais protagonistas –, pareceu-nos adequado preparar uma espécie de restauração editorial dessas peças-chave do movimento. Desse modo, os textos desses manifestos, conforme estabelecidos abaixo, expurgados de erros que já se tornaram sistemáticos nas novas versões que vêm sendo publicadas, bem como guarnecidos de notas – ora meramente enciclopédicas, ora dedicadas a propor hipóteses interpretativas de passagens obscuras –, se não constitui propriamente uma edição crítica, pelo menos pretende contribuir nesse sentido.

Com esse objetivo, exceção feita para a ortografia, que foi atualizada, conservaram-se aqui as particularidades das edições-fonte: a pontuação idiossincrática (ou sua simples falta); a divisão em blocos e os sinais gráficos que os separam; o uso de iniciais maiúsculas em certas palavras, à revelia da norma ortográfica; a dispensa de itálico na grafia de vocábulos não vernáculos.



Manifesto da poesia Pau-Brasil* (1924)

A poesia existe nos fatos. Os casebres de açafão e de ocre nos verdes da Favela, sob o azul cabralino, são fatos estéticos.

O Carnaval no Rio é o acontecimento religioso da raça. Pau-Brasil. Wagner submerge ante os cordões de Botafogo.

Bárbaro e nosso. A formação étnica rica. Riqueza vegetal. O minério. A cozinha. O vatapá, o ouro e a dança.

*

Toda a história bandeirante e a história comercial do Brasil. O lado doutor, o lado citações, o lado autores conhecidos. Comovente. Rui Barbosa: uma cartola na Senegâmbia.¹ Tudo revertendo em riqueza. A riqueza dos bailes e das frases feitas. Negras de jockey. Odaliscas no Catumbi. Falar difícil.

*

O lado doutor. Fatalidade do primeiro branco apartado e dominando politicamente as selvas selvagens. O bacharel.

Não podemos deixar de ser doutos. Doutores. País de dores anônimas, de doutores anônimos. O império foi assim.

Eruditamos tudo. Esquecemos o gavião de penacho.

A nunca exportação de poesia. A poesia anda oculta nos cipós maliciosos da sabedoria. Nas lianas das saudades universitárias.²

*

Mas houve um estouro nos aprendimentos.³ Os homens que sabiam tudo se deformaram como borrachas sopradas. Rebentaram.

A volta à especialização. Filósofos fazendo filosofia, críticos, crítica, donas de casa tratando de cozinha.

A Poesia para os poetas. Alegria dos que não sabem e descobrem.

* *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 18 mar. 1924, Letras & Artes, p. 5.

Neste e no texto subsequente, conservaram-se particularidades gráficas da edição-fonte: a divisão em blocos, o uso de iniciais maiúsculas em certas palavras e a dispensa de itálico em vocábulos não vernáculos.

¹ Território da África Ocidental constituído pelas bacias dos rios Senegal e Gâmbia.

² Conservamos a expressão no plural, conforme o que está na edição original; nas demais edições a que tivemos acesso – *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, n. 16, p. 187-190, dez. de 1959; Oswald de Andrade. *Do pau-brasil à antropofagia e às utopias*: manifestos, teses de concurso, ensaios. Introdução de Benedito Nunes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. p. 3-10; Gilberto Mendonça Teles (Org.). *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*: apresentação dos principais poemas metalinguísticos, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas de 1857 a 1972. 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012. p. 465-471 –, contudo, lê-se: “da saudade universitária”.

³ Não encontramos dicionarizada esta palavra.

*

Tinha havido a inversão de tudo, a invasão de tudo: o Teatro de Tese e a luta no palco entre morais e imorais. A tese deve ser decidida em guerra de sociólogos, de homens de lei, gordos e dourados como *Corpus Juris*.⁴

Ágil o teatro, filho do saltimbanco. Ágil e ilógico. Ágil o romance, nascido da invenção. Ágil a poesia.

A Poesia Pau-Brasil. Ágil e cândida. Como uma criança.

*

Uma sugestão de Blaise Cendrars:⁵ – Tendes as locomotivas cheias, ides partir. Um negro gira a manivela do desvio rotativo em que estais. O menor descuido vos fará partir na direção oposta ao vosso destino.

*

Contra o gabinetismo, a prática culta da vida. Engenheiros em vez de juriconsultos, perdidos como chineses na genealogia das ideias.

A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos.

*

Não há luta na terra de vocações acadêmicas. Há só fardas. Os futuristas e os outros.

Uma única luta – a luta pelo caminho. Dividamos: Poesia de importação. E a Poesia Pau-Brasil, de exportação.

*

Houve um fenômeno de democratização estética nas cinco partes sábias do mundo. Instituíra-se o naturalismo. Copiar. Quadro de carneiros que não fosse lã mesmo, não prestava. A interpretação no dicionário oral das Escolas de Belas-Artes queria dizer reproduzir igualzinho... Veio a pirogravura. As meninas de todos os lares ficaram artistas. Apareceu a máquina fotográfica. E com todas as prerrogativas do cabelo grande, da caspa e da misteriosa genialidade de olho virado – o artista fotógrafo.

⁴ Ou *Corpus Juris Civilis*, isto é, “Corpo de direito civil”; compilação de leis e textos afins ordenada pelo imperador Justiniano I (482-565 d.C.), publicada de 529 a 534 d.C.

⁵ Pseudônimo de Frédéric Louis Sauser (1887-1961), escritor suíço de língua francesa.



Na música, o piano invadiu as saletas nuas, de folhinha na parede. Todas as meninas ficaram pianistas. Surgiu o piano de manivela,⁶ o piano de patas.⁷ A Pleyela.⁸ E a ironia eslava compôs para a Pleyela. Stravinski.⁹

A estatuária andou atrás. As procissões saíram novinhas das fábricas.

Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano.

*

Ora, a revolução indicou apenas que a arte voltava para as elites. E as elites começaram desmanchando. Duas fases: 1.^a – a deformação através do impressionismo, a fragmentação, o caos voluntário. De Cézanne e Mallarmé, Rodin e Debussy até agora; 2.^a – o lirismo, a apresentação no templo, os materiais, a inocência construtiva.

O Brasil profiteur.¹⁰ O Brasil doutor. E a coincidência da primeira construção brasileira no movimento de reconstrução geral. Poesia Pau-Brasil.

*

Como a época é miraculosa, as leis nasceram do próprio rotamento¹¹ dinâmico dos quatorze distintivos:¹²

A síntese

O equilíbrio

O acabamento de carrosserie¹³

A invenção

A surpresa

Uma nova perspectiva

Uma nova escala.

*

⁶ Parece termo equivalente a *piano mecânico* ou *pianola*, instrumento aparentado ao piano moderno e que executa músicas por meio de dispositivos mecânicos.

⁷ Não nos parece claro o significado da expressão, na qual *patas* talvez constitua referência humorística – dada a conotação de grosseria da palavra, em contraste com a ideia de delicadeza contida no termo *piano* – ao formato da base de alguns modelos de piano.

⁸ Piano – ou, mais exatamente, pianola –, por metonímia, pois se trata de referência à Pleyel Cie., manufatura de pianos de Paris, fundada pelo músico austro-francês Ignaz Josef Pleyel (1757-1831).

⁹ Igor Fiodorvitch Stravinsky (1882-1971), músico russo; entre seus trabalhos, contam-se arranjos e composições destinadas à execução nas pianolas da marca Pleyel.

¹⁰ Aproveitador.

¹¹ Parece neologismo da lavra do autor, pois não encontramos o vocábulo nos dicionários que consultamos; deve ter sido usado como alternativa à *rotação*.

¹² Conservamos o que consta na edição original do texto; nas edições subsequentes a que tivemos acesso – referidas na nota 2 –, contudo, em vez de “quatorze distintivos” está “fatores destrutivos”, sem qualquer nota que explique a emenda introduzida. Embora seja evidentemente obscuro o significado, no texto, da expressão “quatorze distintivos”, a substituição por “fatores destrutivos” nos parece injustificável, até porque, na sequência, com o destaque gráfico da disposição na vertical, enumeram-se, na verdade, princípios que, para a concepção de poesia proposta no manifesto, constituem fatores *construtivos*.

¹³ Carroçaria, no sentido de “arte de fabricar carruagens”. Segundo Benedito Nunes (“Antropofagia ao alcance de todos”. In: Oswald de Andrade. *Do pau-brasil à antropofagia e às utopias: manifestos, teses de concurso e ensaios*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. p. xx.), um acabamento “mais tecnológico do que técnico”.

Qualquer esforço natural nesse sentido será bom. Poesia Pau-Brasil.

*

O trabalho contra o detalhe naturalista – pela *síntese*; contra a morbidez romântica – pelo *equilíbrio* geométrico e pelo *acabamento* técnico; contra a cópia, pela *invenção* e pela *surpresa*.

*

Uma nova perspectiva.

A outra, a de Paolo Ucello,¹⁴ criou o naturalismo de apogeu. Era uma ilusão ótica. Os objetos distantes não diminuam. Era uma lei de aparência. Ora, o momento é de reação à aparência. Reação à cópia. Substituir a perspectiva visual e naturalista por uma perspectiva de outra ordem: sentimental, intelectual, irônica, ingênua.

*

Uma nova escala:

A outra, a de um mundo proporcionado e catalogado com letras nos livros, crianças nos colos. O reclame produzindo letras maiores que torres. E as novas formas da indústria, da viação, da aviação. Postes. Gasômetros. Rails.¹⁵ Laboratórios e oficinas técnicas. Vozes e tics de fios e ondas e fulgurações. Estrelas familiarizadas com negativos fotográficos. O correspondente da surpresa física em arte.

*

A reação contra o assunto invasor, diverso da finalidade. A peça de tese era um arranjo monstruoso. O romance de ideias, uma mistura. O quadro histórico, uma aberração. A escultura eloquente, um pavor sem sentido.

Nossa época anuncia a volta ao *sentido puro*.

Um quadro são linhas e cores. A estatuária são volumes sob a luz.

A Poesia Pau-Brasil é uma sala de jantar domingueira, com passarinhos cantando na mata resumida das gaiolas, um sujeito magro compondo uma valsa para flauta e a Maricota lendo o jornal. No jornal anda todo o presente.

*

Nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo. *Ver com olhos livres*.

*

Temos a base dupla e presente – a floresta e a escola. A raça crédula e dualista e a geometria, a álgebra e a química logo depois da mamadeira e do chá de erva-doce. Um misto de “dorme nenê que o bicho vem pegá” e de equações.

¹⁴ Pintor e matemático italiano (1397-1475).

¹⁵ Trilhos.

Uma visão que bata nos cilindros dos moinhos, nas turbinas elétricas, nas usinas produtoras, nas questões cambiais, sem perder de vista o Museu Nacional. Pau-Brasil.

*

Obuses de elevadores, cubos de arranha-céu e a sábia preguiça solar. A reza. O Carnaval. A energia íntima. O sabiá. A hospitalidade um pouco sensual, amorosa. A saudade dos pajés e os campos de aviação militar. Pau-Brasil.

*

O trabalho da geração futurista foi ciclópico. Acertar o relógio império da literatura nacional. Realizada essa etapa, o problema é outro. Ser regional e puro em sua época.

*

O estado de inocência substituindo o estado de graça que pode ser uma atitude do espírito.

*

O contrapeso da originalidade nativa para inutilizar a adesão acadêmica.

A reação contra todas as indigestões de sabedoria. O melhor de nossa tradição lírica. O melhor de nossa demonstração moderna.

*

Apenas brasileiros de nossa época. O necessário de química, de mecânica, de economia e de balística. Tudo digerido. Sem meeting cultural. Práticos. Experimentais. Poetas. Sem reminiscência heresia.¹⁶ Sem comparações de apoio. Sem pesquisa etimológica. Sem antologia.¹⁷

*

Bárbaros, crédulos, pitorescos e meigos. Leitores de jornais. Pau-Brasil. A floresta e a escola. O Museu Nacional. A cozinha, o minério e a dança. A vegetação. Pau-Brasil.

Oswaldo¹⁸ de Andrade

¹⁶ *Sic*, na edição original do texto; nas edições referidas na nota 2, no entanto, está “Sem reminiscências livrescas.”, sem qualquer nota que explique a emenda introduzida.

¹⁷ Esta é a palavra que consta na edição original do texto; nas edições referidas na nota 2, no entanto, está “ontologia”, sem qualquer nota que explique a emenda introduzida.

* *Revista de Antropofagia*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 3 e 7, maio de 1928.

¹⁸ *Sic*, na edição original do texto; as edições referidas na nota 2 procederam à correção do nome, acrescentando, em seguida à assinatura, o veículo e a data da publicação original: “*Correio da Manhã*, 18 de março de 1924”.

Manifesto antropófago* (1928)

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

—

Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

—

Tupi, or not tupi that is the question.

—

Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos.¹⁹

—

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago.

—

Estamos fatigados de todos os maridos católicos suspeitosos postos em drama. Freud acabou com o enigma mulher e com outros sustos da psicologia impressa.

—

O que atropelava a verdade era a roupa, o impermeável entre o mundo interior e o mundo exterior. A reação contra o homem vestido. O cinema americano informar-á.

—

Filhos do sol, mãe dos viventes. Encontrados e amados ferozmente, com toda a hipocrisia da saudade, pelos imigrados, pelos traficados e pelos touristes. No país da cobra grande.²⁰

—

Foi porque nunca tivemos gramáticas, nem coleções de velhos vegetais. E nunca soubemos o que era urbano, suburbano, fronteiro e continental. Preguiçosos no mapa-múndi do Brasil.

Uma consciência participante, uma rítmica religiosa.

—

¹⁹ Cornélia Africana (circa 195-115 a.C.), matrona romana, célebre pela cultura e viver austero, mãe de Tibério Semprônio Graco (circa 169-133 a.C.) e Caio Semprônio Graco (154-121 a.C.), os irmãos Graco, políticos reformistas da facção dos populares na Roma antiga.

²⁰ Referência ao mito amazônico da cobra grande, dita também *boiúna* ou *mboi-açu*, serpente monstruosa que habita as profundezas dos rios.

Contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida. E a mentalidade pré-lógica para o Sr. Lévy-Bruhl²¹ estudar.

—

Queremos a revolução Caraíba,²² Maior que a revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem.²³

A idade de ouro anunciada pela América. A idade de ouro. E todas as girls.

—

Filiação. O contato com o Brasil Caraíba. *Où Villegaignon print terre.*²⁴ Montaigne. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, à Revolução Bolchevista, à Revolução surrealista e ao bárbaro tecnizado de Keyserling.²⁵ Caminhamos.

—

Nunca fomos catequizados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará.

—

Mas nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós.

—

Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro empréstimo, para ganhar comissão. O rei-analfabeto dissera-lhe: ponha isso no papel mas sem muita lábia. Fez-se o empréstimo. Gravou-se o açúcar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a lábia.²⁶

—

²¹ Lucien Lévy-Bruhl (1857-1939), filósofo, sociólogo e antropólogo francês.

²² O substantivo *caraíba* tem diversas significações: 1 – “feiticeiro indígena”; 2 – por extensão, “coisa sagrada”; 3 – por extensão ainda, “homem poderoso”, e, daí também “homem branco”; 4 – “povo indígena que, quando da chegada dos europeus às Américas, habitava as Pequenas Antilhas, as Guianas e parte do litoral centro-americano, e que tem na atualidade descendentes nas regiões dos rios Orenoco e Amazonas”; 5 – “família linguística que reúne idiomas falados por diversos grupos indígenas do norte do rio Amazonas, da Colômbia, das Guianas e do vale do rio Xingu”. No texto, trata-se evidentemente da forma adjetiva – “revolução *dos caraíbas*” –, tomada a palavra no sentido geral de “indígenas do Brasil”.

²³ A *Declaração dos direitos do homem e do cidadão*, aprovada pela Assembleia Constituinte da França revolucionária em 1789, consagrou o conceito de homem natural, em boa medida elaborado a partir da reflexão filosófica europeia sobre o *modus vivendi* das populações ameríndias.

²⁴ O trecho se encontra no livro primeiro, capítulo XXXI dos *Ensaíos* (1580-1595), de Montaigne (1533-1592). Cf. tradução brasileira da passagem: “Durante muito tempo tive ao meu lado um homem que permanecera dez ou doze anos nessa parte do Novo Mundo descoberto neste século, *no lugar em que tomou pé Villegaignon* e a que deu o nome de ‘França Antártica’” (Michel de Montaigne. *Ensaíos*. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 100; grifo nosso.).

²⁵ Hermann von Keyserling (1880-1946), filósofo alemão.

²⁶ Alusão ao papel político e diplomático desempenhado pelo padre Antônio Vieira (1608-1697); no caso, menção jocosa à sua intervenção em questões envolvendo o comércio do açúcar.

O espírito recusa-se a conceber o espírito sem o corpo. O antropomorfismo. Necessidade da vacina antropofágica. Para o equilíbrio contra as religiões de meridiano.²⁷ E as inquisições exteriores.

—
Só podemos atender ao mundo orecular.²⁸

—
Tínhamos a justiça codificação da vingança. A ciência codificação da Magia. Antropofagia. A transformação permanente do Tabu em totem.²⁹

—
Contra o mundo reversível e as ideias objetivadas. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é dinâmico. O indivíduo vítima do sistema. Fonte das injustiças clássicas. Das injustiças românticas. E o esquecimento das conquistas interiores.

—
Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros.

—
O instinto Caraíba.

—
Morte e vida das hipóteses. Da equação *eu* parte do *Cosmos* ao axioma *Cosmos* parte do *eu*. Subsistência. Conhecimento. Antropofagia.

—
Contra as elites vegetais. Em comunicação com o solo.

²⁷ Segundo Benedito Nunes (op. cit. nota 15, p. xxxi.), religiões de salvação.

²⁸ Palavra montada pelo autor, resultante – é de supor-se – da fusão de *orelha* com *ocular*; opõem-se ao seu parônimo *oracular*, qualificando, assim, não revelações metafísicas, mas realidades concretas dadas pelos sentidos.

²⁹ Alusão a *Totem e tabu* (1913), obra em que Freud (1856-1939) estuda a passagem da natureza à cultura.

Nunca fomos catequizados. Fizemos foi Carnaval. O índio vestido de senador do Império. Fingindo de Pitt.³⁰ Ou figurando nas óperas de Alencar³¹ cheio de bons sentimentos portugueses.

—

Já tínhamos o comunismo. Já tínhamos a língua surrealista. A idade de ouro.
Catiti Catiti
Imara Notiá
Notiá Imara
Ipeju.³²

—

A magia e a vida. Tínhamos a relação e a distribuição dos bens físicos, dos bens morais, dos bens dignários.³³ E sabíamos transpor o mistério e a morte com o auxílio de algumas formas gramaticais.

—

Perguntei a um homem o que era o Direito. Ele me respondeu que era a garantia do exercício da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias.³⁴ Comi-o.

—

Só não há determinismo onde há mistério. Mas que temos nós com isso?

—

³⁰ Parece referência ao primeiro-ministro britânico William Pitt (1759-1806), que, em discurso proferido no parlamento do seu país em fins do século XVIII, posteriormente publicado em Lisboa no ano de 1808, advogou a transferência da corte portuguesa para o Brasil, antevendo nessa medida vantagens comerciais para a Inglaterra. E de fato, como se sabe, um dos primeiros atos do príncipe D. João ao chegar ao Brasil foi a “abertura dos portos às nações amigas”, que propiciou aos ingleses relações comerciais privilegiadas com o Brasil, sem o ônus fiscal até então decorrente da intermediação de Portugal. Na prática, a partir de então, a dependência do Brasil seria transferida de Portugal para a Inglaterra.

³¹ Referência aos índios idealizados dos romances de José de Alencar (1829-1877) e ao herói da adaptação operística de *O guarani*, do compositor Carlos Gomes (1836-1896), que nada teriam do “instinto caraíba” (ver nota 22).

³² O poema foi recolhido por José Vieira Couto de Magalhães (1837-1898), no livro *Trabalho preparatório para o aproveitamento do selvagem e do solo por ele ocupado no Brasil: o selvagem*, que se tornou conhecido simplesmente como *O selvagem*: “Catiti, Catiti / Imára noitiá / Noitiá imára, / Epejú imára, / Epejú (fulano) / Emú manuára / Ce recé (fulana) / Cuçukui xa ikó / Ixé anhú i piá póra” (General Couto de Magalhães. *O selvagem*. Salvador: Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro – CDBP, 2013. p. 161-162.). Prossegue o autor: “Não entendo o terceiro e o quarto verso; o primeiro e os últimos dizem o seguinte: ‘Lua nova, ó lua nova, assoprai em fulano lembranças de mim; eis-me aqui, estou em vossa presença; fazei com que eu tão somente ocupe seu coração’” (ibid., p. 162).

³³ Não encontramos a palavra nos dicionários consultados. Uma hipótese: seria montagem do autor, resultante do empastelamento entre as palavras *dignitário* e o vocábulo latino *denariu*, que, por sua vez, está na etimologia de *dinheiro*.

³⁴ Pseudônimo próprio que remete ao substantivo comum *galimatias*, que significa “discurso arresado, confuso, obscuro”; trata-se de sátira à linguagem jurídica ou bacharelesca.

Contra as histórias do homem que começam no Cabo Finisterra.³⁵ O mundo não datado. Não rubricado. Sem Napoleão. Sem César.

—

A fixação do progresso por meio de catálogos e aparelhos de televisão. Só a maquinaria. E os transfusores³⁶ de sangue.

—

Contra as sublimações antagônicas. Trazidas nas caravelas.

—

Contra a verdade dos povos missionários, definida pela sagacidade de um antropófago, o Visconde de Cairu.³⁷ – É mentira muitas vezes repetida.

—

Mas não foram cruzados³⁸ que vieram. Foram fugitivos de uma civilização que estamos comendo, porque somos fortes e vingativos como o Jabuti.³⁹

—

Se Deus é a consciência do Universo Incriado, Guaraci⁴⁰ é a mãe dos viventes. Jaci⁴¹ é a mãe dos vegetais.

—

Não tivemos especulação. Mas tínhamos adivinhação. Tínhamos Política que é a ciência da distribuição. E um sistema social-planetário.

—

As migrações. A fuga dos estados tediosos. Contra as escleroses urbanas. Contra os Conservatórios, e o tédio especulativo.

—

³⁵ Promontório de granito situado na Galiza, considerado pelos antigos romanos como o ponto extremo ocidental do mundo. Mas pode ser também referência à Ponta de Sagres, promontório que fica na vila de Sagres, na região portuguesa do Algarve, e que também disputava, nas tradições antigas, o título de extremidade ocidental do mundo conhecido. De lá teriam partido as primeiras expedições portuguesas para a exploração do Atlântico, que resultou, entre outras conquistas, na descoberta do Brasil.

³⁶ Não encontramos a palavra nos dicionários consultados.

³⁷ José da Silva Lisboa (1756-1835), economista, historiador e político brasileiro.

³⁸ Pode ser referência a uma antiga moeda portuguesa, mas também aos guerreiros cristãos das Cruzadas.

³⁹ “O jabuti é o herói invencível das *estórias* indígenas no Extremo Norte, cheio de astúcia e habilidade, vencendo os animais fortes e violentos” (Luís da Câmara Cascudo. *Dicionário do folclore brasileiro*. 3. ed. revista e aumentada. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972. V. 2, p. 448.).

⁴⁰ O sol, na mitologia tupi.

⁴¹ A lua, na mitologia tupi.

De William James⁴² e Voronoff.⁴³ A transfiguração do Tabu em totem. Antropofagia.

—

O pater famílias⁴⁴ e a criação da Moral da Cegonha:⁴⁵ Ignorância real das coisas + falta de imaginação + sentimento de autoridade ante a prole curiosa.

—

É preciso partir de um profundo ateísmo para se chegar à ideia de Deus. Mas o caraíba não precisava. Porque tinha Guaraci.

—

O objetivo criado reage como os Anjos da Queda. Depois Moisés divaga. Que temos nós com isso?

—

Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.

—

Contra o índio de tocheiro.⁴⁶ O índio filho de Maria,⁴⁷ afilhado de Catarina de Médicis⁴⁸ e genro de D. Antônio de Mariz.⁴⁹

—

A alegria é a prova dos nove.

—

No matriarcado⁵⁰ de Pindorama.⁵¹

—

⁴² Filósofo norte-americano (1842-1910).

⁴³ Serge Voronoff (1866-1951), médico francês de origem russa, que inventou um método de rejuvenescimento popular nos anos de 1920.

⁴⁴ Expressão latina; pai de família, chefe da casa, patriarca.

⁴⁵ Isto é, moral que interdita a sexualidade, atribuindo à cegonha o nascimento de crianças.

⁴⁶ A expressão não nos parece clara; como *tocheiro* significa “castiçal para tocha, ou para grandes velas de cera”, pode ser menção depreciativa aos índios submetidos à catequese, que se prestavam a segurar velas durante as missas.

⁴⁷ Isto é, membro da congregação católica dos Filhos de Maria.

⁴⁸ Conforme tradições dos tempos coloniais, a índia Paraguaçu (*circa* 1495-1583), tendo viajado para a França com seu marido, o explorador português Diogo Álvares Pereira (*circa* 1475-1557), teria sido batizada pela rainha Catarina de Médicis (1519-1589), passando a chamar-se Catarina Álvares Paraguaçu.

⁴⁹ Figura histórica, feita personagem de José de Alencar no romance *O guarani* (1857). Seu genro – lembremos o enredo do romance – é Peri, o herói da narrativa, apaixonado por Ceci, a filha de D. Antônio de Mariz.

⁵⁰ Contra evidências históricas, o autor julgava que um regime matriarcal, não repressivo e não autoritário, teria vigorado entre os indígenas, substituído depois pelo patriarcalismo opressor trazido pelos colonizadores europeus. Segundo Benedito Nunes (op. cit. nota 15, p. xliii), nesse particular o autor reflete a tese do jurista e antropólogo suíço Johann Jakob Bachofen (1815-1887), sobre a vigência do regime matriarcal na pré-história da humanidade.

⁵¹ País das palmeiras, segundo a etimologia tupi; isto é, o Brasil.

Contra a Memória fonte do costume. A experiência pessoal renovada.

—

Somos concretistas. As ideias tomam conta, reagem, queimam gente nas praças públicas. Suprimamos as ideias e as outras paralisias. Pelos roteiros. Acreditar nos sinais, acreditar nos instrumentos e nas estrelas.

—

Contra Goethe, a mãe dos Gracos, e a Corte de D. João VI.

—

A alegria é a prova dos nove.

—

A luta entre o que se chamaria Incriado e a Criatura-ilustrada pela contradição permanente do homem e o seu Tabu. O amor cotidiano e o modus vivendi capitalista. Antropofagia. Absorção do inimigo sacro. Para transformá-lo em totem. A humana aventura. A terrena finalidade. Porém, só as puras elites conseguiram realizar a antropofagia carnal, que traz em si o mais alto sentido da vida e evita todos os males identificados por Freud, males catequistas. O que se dá não é uma sublimação do instinto sexual. É a escala termométrica do instinto antropofágico. De carnal, ele se torna eletivo e cria a amizade. Afetivo, o amor. Especulativo, a ciência. Desvia-se e transfere-se. Chegamos ao aviltamento. A baixa antropofagia aglomerada nos pecados de catecismo – a inveja, a usura, a calúnia, o assassinato. Peste dos chamados povos cultos e cristianizados, é contra ela que estamos agindo. Antropófagos.

—

Contra Anchieta cantando as onze mil virgens do céu,⁵² na terra de Iracema – o patriarca João Ramalho⁵³ fundador de São Paulo.

—

A nossa independência ainda não foi proclamada. Frase típica de D. João VI: – Meu filho, põe essa coroa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça! Expulsamos a dinastia. É preciso expulsar o espírito bragantino,⁵⁴ as ordenações⁵⁵ e o rapé de Maria da Fonte.⁵⁶

⁵² Referência à peça dramática do padre José de Anchieta (1534-1597) *Quando, no Espírito Santo, se recebeu uma relíquia das onze mil virgens* (1583).

⁵³ Explorador português que viveu de 1493 a 1580, considerado o patriarca dos bandeirantes.

⁵⁴ Isto é, dos Bragança, quarta e última dinastia portuguesa, que reinou em Portugal (1640-1910) e no Brasil (1822-1889).

⁵⁵ Alusão à legislação colonial, de origem ibérica: *Ordenações Manuelinas* e *Ordenações Filipinas*.

⁵⁶ Maria da Fonte é personagem histórico de identificação problemática; ter-se-ia destacado na revolta popular ocorrida em Portugal no ano de 1846, que se tornou conhecida como Revolução de Maria da Fonte; ou seria apenas um nome depreciativo dado pelos políticos da elite às mulheres do povo que participaram da revolta. Quanto à existência de um rapé assim designado, nada conseguimos apurar.

—

Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud – a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama.

Oswald de Andrade
Em Piratininga⁵⁷
Ano 374 da Deglutição do Bispo Sardinha.⁵⁸

⁵⁷ A cidade de São Paulo, fundada com o nome de São Paulo de Piratininga, em 1554.

⁵⁸ D. Pero Fernandes Sardinha (1496-1556), primeiro bispo brasileiro; foi capturado e devorado pelos índios caetés, no litoral do atual estado de Alagoas.

